EM SEIS DIAS – A BELA MENSAGEM DA SEMANA DA CRIAÇÃO

DR. RONALD NALI

pastor.adventistas.org/pt

EM SEIS DIAS – A BELA MENSAGEM DA SEMANA DA CRIAÇÃO

DR. RONALD NALI

Nossa mensagem de hoje começa com uma reflexão sobre os aspectos fundamentais da nossa fé. Como vocês sabem: se alguém afirma que ser seguidor de Cristo, nós certamente temos que ter um entendimento de que há um Deus, aceitar o conhecimento de Deus. Esse é o primeiro passo na jornada da fé. Contudo, eu diria que há outro aspecto fundamental da jornada da fé, que é aceitar que esse Deus é o Criador. Podemos ver a centralidade desse entendimento nos eventos da igreja primitiva. Vejamos essa passagem em Atos 4:23, 24, quando Pedro e João relatam à igreja primitiva a maneira maravilhosa como Deus esteve com eles e os liderou à medida que eles explicavam a respeito de Cristo e os primeiros crentes responderam imediatamente com palavras de louvor ao Criador. Nela, lemos: "Uma vez soltos, procuraram os irmãos e lhes contaram quantas coisas lhes haviam dito os principais sacerdotes e os anciãos. Ouvindo isto, unânimes, levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há". Em outras palavras, "nosso coração está cheio de gratidão". "Por quê?", alguém poderia perguntar. "Porque nosso Deus é Soberano, e é Soberano porque criou todas as coisas. Ele é o Criador".

Esse entendimento também é evidenciado nessa linda visão que João teve, na qual toda a criação, belamente reunida em adoração diante do Senhor, canta em uníssono: "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas." (Ap 4:11). Por que Deus é digno de receber a glória, a honra e o poder? Porque Ele é o Criador de todas as coisas. Por Sua vontade, elas foram criadas e vieram a existir, por Sua vontade elas são sustentadas. Note a universalidade das coisas criadas.

Assim, como adventistas do sétimo dia, nós abraçamos esse conceito de Deus como Criador, e isso é fundamental, uma vez que ele faz parte das três mensagens angélicas. Na mensagem do primeiro anjo, podemos encontrar novamente essa proclamação: "Dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora

do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas" (Ap 14:7). Aqui, encontramos um chamado para proclamar, compartilhar essas lindas novas de que há um Criador e de que Ele fez o universo no qual vivemos. Estou muito animado por fazer parte deste movimento que compartilha essa mensagem de que Deus existe e de que Ele é o Criador!

Agora, se você olhar para o mundo cristão, não imagino que vá encontrar muita controvérsia, uma vez que esse conceito de Deus como Criador é encontrado em muitas religiões. Entretanto, ao olhar para as nossas crenças fundamentais, você vai perceber, por exemplo, na crença de número seis, que fala especificamente sobre a criação, que os adventistas abraçaram um entendimento muito específico de Deus como Criador. Não de forma genérica, mas de como, em uma semana de seis dias de criação, Deus criou os céus e a terra. Na declaração dessa crença, podemos basicamente encontrar o entendimento de que, como igreja, acreditamos que "Deus comunica por meio das Escrituras o relato autêntico e histórico de Sua atividade criadora. Ele criou o universo e, em uma criação recente, de seis dias, o Senhor fez, "os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há" e descansou no sétimo dia (Êx 20:11). Assim Ele estabeleceu o sábado como memorial perpétuo da obra que Ele realizou e terminou em seis dias literais que, junto com o sábado, constituem a mesma unidade temporal que hoje chamamos de semana". NC p, 86.

Na linguagem usada nessa declaração fica muito claro que acreditamos na criação em seis dias, não em seis longos períodos ou intervalos de tempo, ou intervalos figurativos de tempos, mas em seis dias literais de uma semana, tal qual, basicamente, vivenciamos atualmente.

Uma pergunta a ser feita seria: "Por qué?." E eu encorajo essa pergunta. Eu mesmo já me fiz essa pergunta. Essa é, basicamente, a essência de minha apresentação hoje, à medida que apresentamos ao mundo nosso entendimento do Deus Criador. Essa poderia ser uma pergunta legítima feita por alguém. Ele poderia dizer: "Bem, eu acredito nisso. Deus é o Criador, mas Ele pode ter criado de maneiras diferentes, e não em uma semana literal". Então, quando compartilhamos a mensagem da criação em seis dias e do sétimo dia, o sábado, compartilhamos um valor que reflete o caráter de Deus, é uma boa-nova para o mundo. Juntos, vamos analisar alguns aspectos que descobri, que me encorajaram, aspectos que estou animado para compartilhar, à medida que abracei esse entendimento de como Deus criou o mundo. Vamos ao primeiro aspecto:

1) Criação como sendo planejada

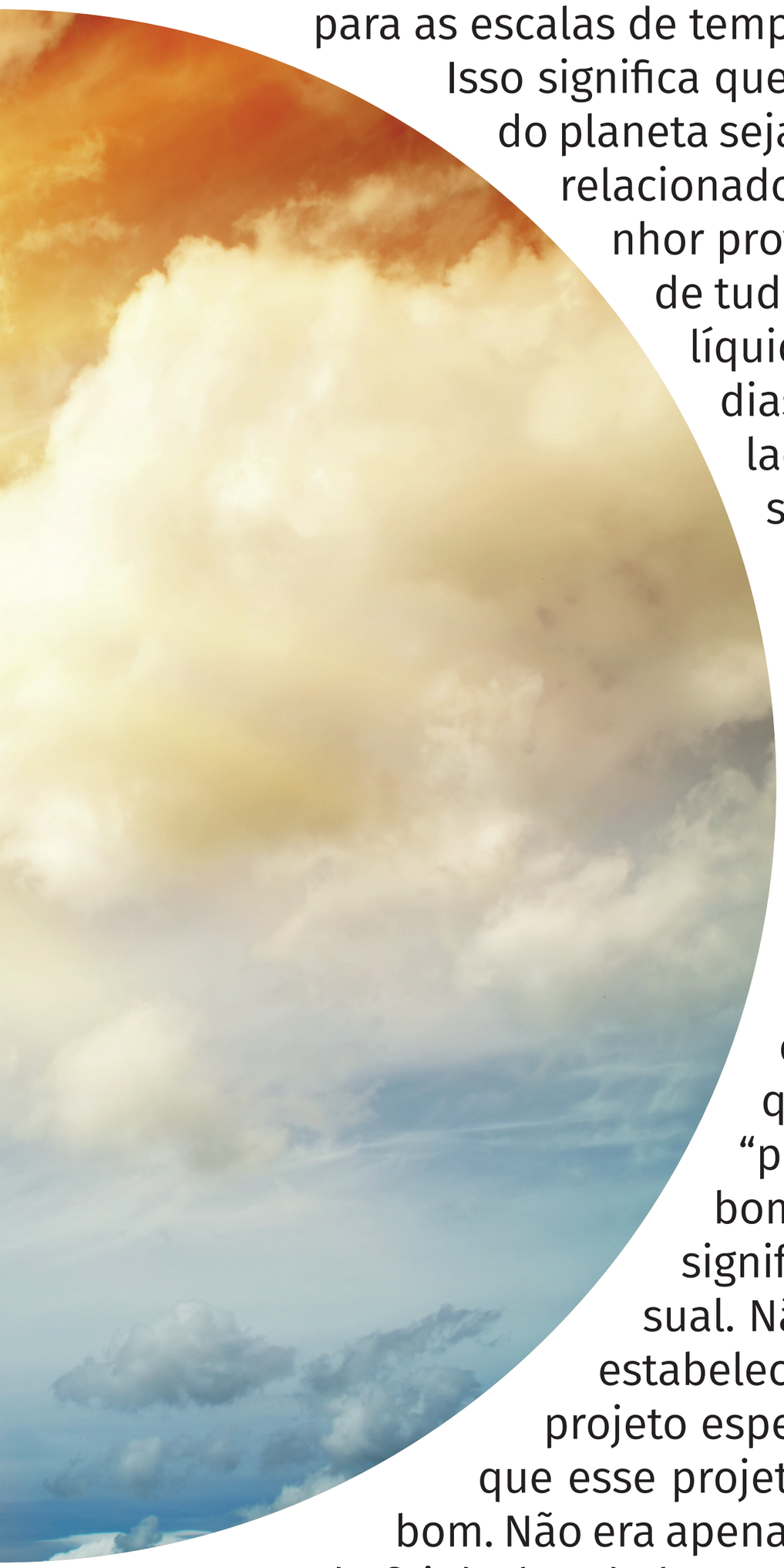
a) estrutura paralela: “formar” e “preencher”

Quando abraçamos a mensagem de que Deus criou em seis e dias e do sábado, abraçamos a visão de uma criação que foi planejada, uma criação que foi projetada por Deus, e nós podemos ver a estrutura nos seis dias com a qual você já deve estar familiarizado. Temos a condição inicial da Terra, que estava “sem forma (tohu) e vazia (bohu)”. (Gn 1:2). A partir daí, vemos que o método de Deus segue uma estrutura na qual Ele cuida do que não tem forma, ao formar, organizar o espaço e preencher o que estava vazio. Então, de uma condição sem forma e vazia, terminamos com uma forma organizada e preenchida. É quase como se, através de Seu método, Deus desejasse nos dizer que antes que algo possa ser preenchido, ele precisa ser formado. Assim, a organização do espaço é essencial à vida, à vida a qual fomos apresentados dentro desse espaço.

De forma interessante, nós vemos que hoje possuímos uma oportunidade única de entender como esses dois elementos, formação e preenchimento estão relacionados, à medida que vamos descobrindo mais e mais a respeito dos exoplanetas. Exoplanetas são planetas localizados fora de nosso sistema solar. Há um interesse na comunidade astronômica em entender quais são as características desses corpos celestes. Eles querem entender se é possível existir outras formas de vida nesses planetas. Para eles, não podemos ser o único planeta onde há vida. Eles querem saber quais seriam as condições essenciais para existir vida como a conhecemos num exoplaneta.

Curiosamente, o nome dessa disciplina é Astrobiologia, e estuda as condições essenciais à vida no cosmos. Se você observar os elementos que são considerados essenciais para se viver num exoplaneta, verá uma série de coisas bem específicas. Eu tirei esse trecho de uma publicação que resume bem o consenso comum da área, no qual podemos ver que: “Definimos um planeta “potencialmente habitável” como aquele que é principalmente rocha, com uma atmosfera pequena (<100 bar), de alto peso molecular, e com fontes de energia e uma estrutura interna tal que a temperatura a pressão da superfície permitem água líquida para escalas de tempo geológicas.” (Barnes et al. (2015), The Astrophysical Journal). Assim, para haver vida em um planeta, ele precisa ter uma superfície, uma base

sólida onde os organismos vivos possam se firmar, se eles forem como nós. Obviamente que no caso das bactérias, esse não seria um requisito. Em segundo lugar, o planeta teria que ter uma atmosfera, uma atmosfera com as propriedades adequadas, não muito pesada, com a composição química adequada. Em terceiro lugar, ele teria que ter uma fonte de energia que, na maioria dos casos, é a luz da estrela principal daquele sistema. Por fim, esse planeta teria que ter uma estrutura interna tal que a temperatura a pressão da superfície permitisse água líquida na superfície para as escalas de tempo geológicas.



Isso significa que o sistema precisa ser estável, a fim de que a órbita do planeta seja estável. Perceba como todos esses elementos estão relacionados à semana da criação de seis dias. Vemos que o Senhor proveu uma fonte de energia, de luz, que está no centro de tudo. Veja como temos essa atmosfera adequada e água líquida na superfície. Há também a parte seca, rochosa há dias, estações, padrões de órbita, movimentos de translação e rotação. Perceba como Deus, em Sua grande sabedoria, ao criar o espaço, ao organizar o espaço, providenciou as condições necessárias para tornar a vida possível na Terra. Veja que há um método, inteligência, sabedoria, estrutura na forma como Deus organiza o mundo.

b) "Viu que era bom": partes e sistema completo

Podemos ver também que Gênesis 1 apresenta esse aspecto claramente porque na medida em que cada elemento é trazido à existência, assim que cada elemento é completado, o texto bíblico afirma que "Deus viu que era bom". O texto não diz que Deus "proclamou" que era bom, ou que Deus "disse" que era bom. Não. Deus viu que era bom. O que o verbo "ver" significa? Não significa que foi um olhar superficial ou casual. Não. Esse foi um olhar investigativo. Foi um olhar que estabeleceu um padrão. Deus tinha uma visão específica, um projeto específico em mente, e o que o texto está nos dizendo é que esse projeto foi realizado de acordo com o plano de Deus. Era bom. Não era apenas uma parte; todas as coisas eram muito boas. Assim, tudo foi declarado bom, pois estava de acordo com aquilo que Deus tinha em mente. Assim, no fechamento de tudo isso, em Gênesis 2:1, lemos: "Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército".

Como você sabe que algo foi completado, foi finalizado? Bem, você sabe porque tem um alvo em mente, certo? Eu uso esta ilustração às vezes:

Se eu contrato alguém para pintar de branco os armários da minha cozinha, como eu posso saber quando tenho que pagar o pintor? Quando eu vejo que o trabalho está terminado, certo? E como eu sei que o trabalho foi terminado? Porque eu tenho uma visão muito específica do que eu preciso, do que eu quero. Desse modo, com essa afirmação, Deus está nos mostrando que Ele tinha uma visão, que Ele tinha um projeto, Ele tinha um plano, e Ele cumpriu esse plano. Então, quando dizemos que Deus criou em seis dias, o que estamos afirmando é que o mundo em que vivemos e a vida que há nele, as criaturas e nós mesmos, somos parte de um projeto específico. Não somos resultado de uma jornada aleatória, de uma jornada por acaso. Somos resultado da ação de Deus, que tinha um alvo específico em mente, um plano mestre. Que linda mensagem a ser compartilhada! Ela com certeza muda nossa visão sobre nós mesmos e o mundo à nossa volta.

2) Poder e envolvimento direto de Deus

O segundo aspecto que proclamamos quando abraçamos a criação em seis dias, é o nome de um Deus Poderoso. Esse Deus não é apenas poderoso; Ele está envolvido na primeira pessoa. Se você olhar em Gênesis 1, Sua forma de criar transcende nossa compreensão das leis da natureza. Não somo capazes de criar algo a partir do nada. Na verdade, não temos poder para fazer o que Deus fez. Ele nos impressiona pela forma como nos apresenta Sua habilidade de criar coisas do nada ou organizar matéria pre- existente. Ele está além de nossa compreensão. É por isso que, às vezes, temos um senso de rejeição, uma reação defensiva contra Ele, porque isso para nós parece praticamente impossível. Está além de nossas capacidades. Mas esse é o Deus que adoramos! É o Deus que está além de nós, que é Todo-Poderoso, que é digno de honra, glória e poder recebido de nós! Ele é o Principal, o Protago-

nista da História, porque veja os verbos de ação: criou, disse, dividiu, chamou, fez, abençoou. Ele não está afastado do que está acontecendo. Não está apenas assistindo. Ele é o Deus que está fazendo, protagonizando, que está sendo honrado. Essa sinergia de poder e envolvimento me faz parar, me faz pensar em Cristo, em como Ele uniu esses dois elementos. Ele veio, tornou-Se um de nós e, ao mesmo tempo, Ele era o Criador. Sabe? Esse toque não é como aquele no qual Deus moldou os primeiros seres humanos no Éden, Ele mostra a proximidade do Criador e, ao mesmo tempo, Seu poder.

Então, quando apresentamos esse entendimento de que Deus criou em seis dias, não estamos apresentando um Deus distante, um Deus que criou, Se afastou e observa à distância.

> *Apresentamos a mensagem de Deus estava envolvido no início, de que queria estar perto de nós, envolvido conosco.*

Apesar de Seu poder, Ele criou um mundo para a interação, para o relacionamento. Desse modo, apesar de esse Deus ser infinitamente maior do que eu, posso me relacionar com Ele, porque Ele projetou as coisas para serem assim.

3) Descontinuidade e estrutura

O terceiro aspecto, que acredito que abraçamos quando celebramos uma criação literal em uma semana literal, é esse entendimento da criação como sendo organizada e estruturada desde o início. Vejamos, por exemplo, os grupos de seres que foram criados "segundo sua espécie". Isso não serviu somente para os animais, mas também para as plantas. Deus criou um sistema que é multifacetado, tem vários componentes, tem profundas estruturas intrínsecas; e elas eram distintas desde o princípio; não era uma forma original, básica de vida, que se desenvolveria em outras formas; não era uma ou duas formas ancestrais que evoluiriam com o tempo. Mas já havia muitas criaturas diversas, que desde o início, desempenhavam seu papel no grande projeto. E não apenas isso; Deus instruiu os seres humanos sobre seu lar, seu projeto, seu relacionamento com os seres, alimentos a serem comidos, como por exemplo a erva verde, a relva. E os seres humanos receberam o domínio sobre essa criação. Há uma estrutura hierárquica nessa criação. Há espécies, há grupos, há machos e fêmeas.

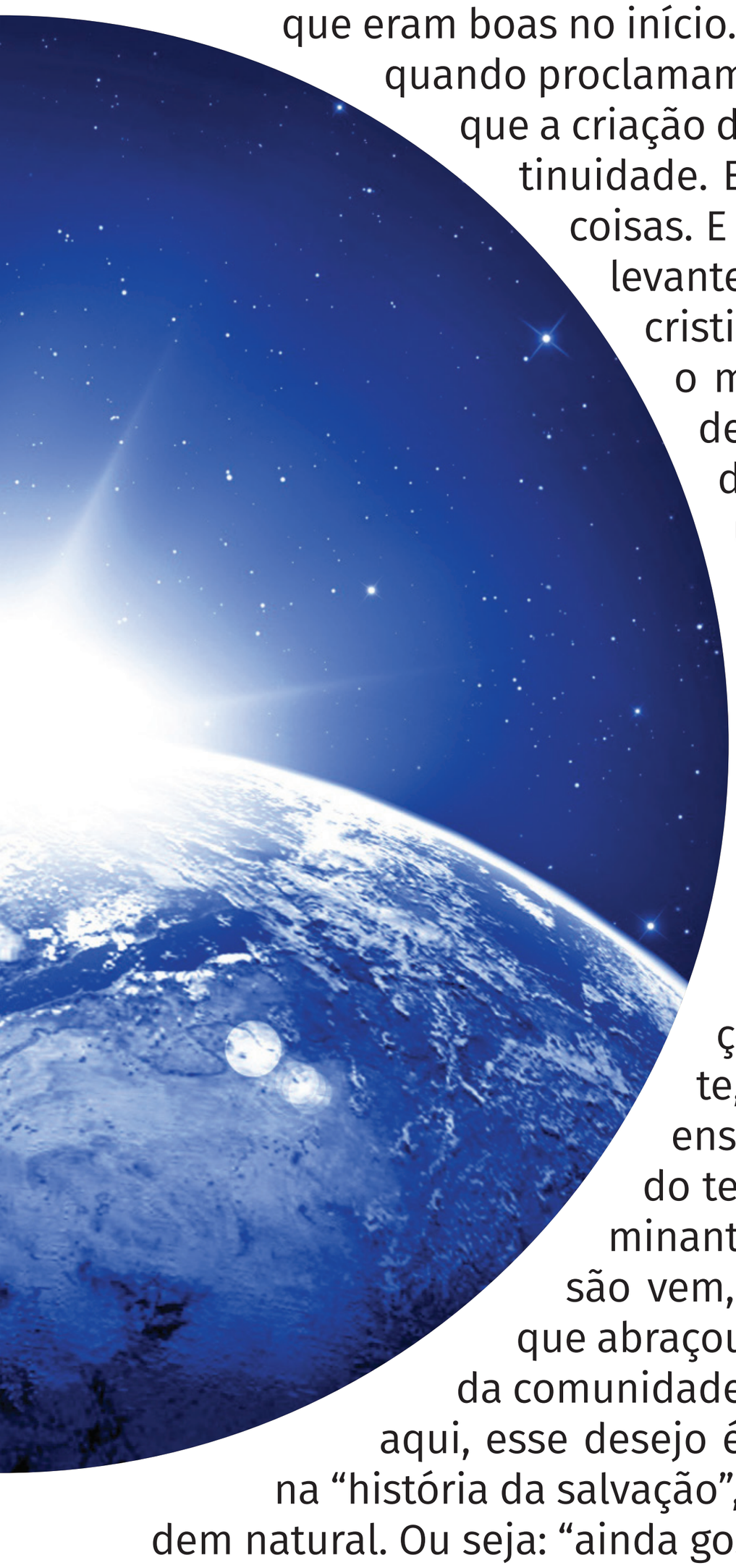
Quando pensamos sobre isso, há uma lição que podemos aprender. O que estamos abraçando e proclamando com esse entendimento de criação estruturada desde o início. Veja, isso nos conduz à compreensão da importância da mordomia, do cuidado com a criação, não apenas pelo domínio que nos foi dado, que é realmente uma responsabilidade. Nós temos a responsabilidade de cuidar da criação neste mundo. Se há uma estrutura, se há um projeto, se toda a forma de vida é resultado da men-

te, do entendimento, do pensamento original de Deus, ela é preciosa, é importante. Nossa função, assim, é cuidar, explorar, proteger. Você se lembra como Adão recebeu a responsabilidade de guardar as outras formas de vida? Adão, foi o primeiro biólogo. Ele deu nome e observou suas características, e entendeu a diferença e o valor de cada uma delas.

E quando pensamos nisso, nesses construtos, nessa estrutura, há uma parte de nós que é resistente a isso, porque, bem, ainda bem que somos seres humanos, mas e se por caso fôssemos formigas? Será que seríamos felizes como formigas? Seríamos limitados. Como seres humanos, podemos fazer tantas coisas, interagir de formas mais profundas. Veja, tendemos a resistir a esse conceito porque sempre pensamos em termos de poder. Hierarquia para nós é poder. Queremos estar no topo da pirâmide e quando estamos topo tudo está bem, mas quando não estamos, sentimos como se algo estivesse sendo tirado de nós. Isso se deve ao fato de vivermos em mundo corrupto. Cristo veio para abalar essa visão ao mostrar novamente que para Deus as maiores posições são para o serviço, para a cooperação, para a colaboração. Elas não foram feitas para o domínio em termos de poder. Assim, aprendemos que a verdadeira liderança é o serviço, e quem quiser ser o primeiro, será chamado para ser o último, que a verdadeira grandeza é ser útil aos outros. Faça algo pelos outros e não por você mesmo! Esse é conceito que flui do serviço baseado no amor que permeava a estrutura que Deus trouxe na semana da criação em seis dias.

4) “Muito bom” e “ainda não”

Bem, agora vamos abordar outro aspecto que está intrínseco na semana da criação em seis dias. Basicamente, quando recapitulamos o que foi abordado até aqui, vemos que tudo foi criado muito bom. Vimos como cada elemento foi declarado como bom. Essa afirmação não se referia a apenas uma parte, porque na sétima vez que a palavra “bom” é usada em Gênesis 1, a Bíblia diz que Deus via que tudo que tinha feito “era muito bom”. Não era apenas uma parte, mas todas as coisas. A integração do sistema era “muito boa”. Agora, vamos ao capítulo 2. Bem, Jacques Doukhan, um de nossos teólogos, tem um artigo muito bom sobre isso e traz luz a esse elemento que encontramos nesse capítulo, essa transição do uso das palavras “muito bom” para “ainda não”. Algumas coisas ainda não haviam sido apresentadas nesse sistema bom. Quais eram essas coisas? “Ainda não” se refere a coisas que são apresentadas no capítulo 3, de Gênesis. A maldição da terra, o lavrar do solo, o nascer das plantas do campo, são as mesmas terminologias que encontramos no capítulo 3 e a alusão à chuva está relacionada às condições do dilúvio no capítulo 6.



Todos esses elementos vieram depois na criação. Então, o escritor está escrevendo na perspectiva de um mundo que é diferente daquilo que havia sido no início. Essas coisas ainda não tinham acontecido. Elas são descritas no capítulo 3: há uma grande descontinuidade no mundo. O mundo, hoje, está num pior estado das coisas, que eram boas no início. Essa é uma trajetória importante que apresentamos quando proclamamos uma semana literal da criação. Nós proclamamos que a criação de Deus era boa, mas houve uma queda, uma descontinuidade. Essa descontinuidade resultou num estado pior das coisas. E por que isso é relevante? Isso é particularmente relevante porque quando falamos de diferentes modelos no cristianismo, e mesmo no cristianismo evangélico, talvez, o maior e mais difundido modelo alternativo dos modelos de criação em seis dias seria o que chamamos de evolução teísta. Basicamente, a evolução teísta é um conceito que afirma que Deus é o Criador, mas Seu modelo de criação não é aquele retratado em Gênesis ou apresentado nas Escrituras. Pelo contrário, foi por longos períodos, em processos naturais; Deus não interveio, ficou à distância, deixando as coisas acontecerem por si mesmas; as formas de vida evoluíram. Dessa forma Deus permitiu o surgimento das variedades de seres que vemos hoje, inclusive os seres humanos.

Por que alguém tentaria afirmar essa forma de criação que não está baseada nas Escrituras? Basicamente, a base desse entendimento vem da atual compreensão moderna da vida e da evolução da vida ao longo do tempo que é predominante no mundo secular, predominante até mesmo no meio acadêmico. É daí que a pressão vem, e há um grande segmento da sociedade moderna que abraçou essa compreensão das origens. Então há um desejo da comunidade cristã de incorporá-la também. Como você pode ver aqui, esse desejo é manter o ensino cristão do envolvimento de Deus na "história da salvação", mas sem recorrer à intervenção sobrenatural na ordem natural. Ou seja: "ainda gostamos da mensagem da salvação. Ainda abraçamos o conceito de que há Deus, de que há um criador, mas não gostamos do conceito de um Deus que age de um jeito que não é familiar para nós, que não parece a norma do processo natural".

Então, a meu ver, qual é o problema dessa abordagem? E como isso se conecta com o bom e ainda não? Se nós abraçarmos essa visão de Deus criando através da evolução, seremos apresentados ao problema de que

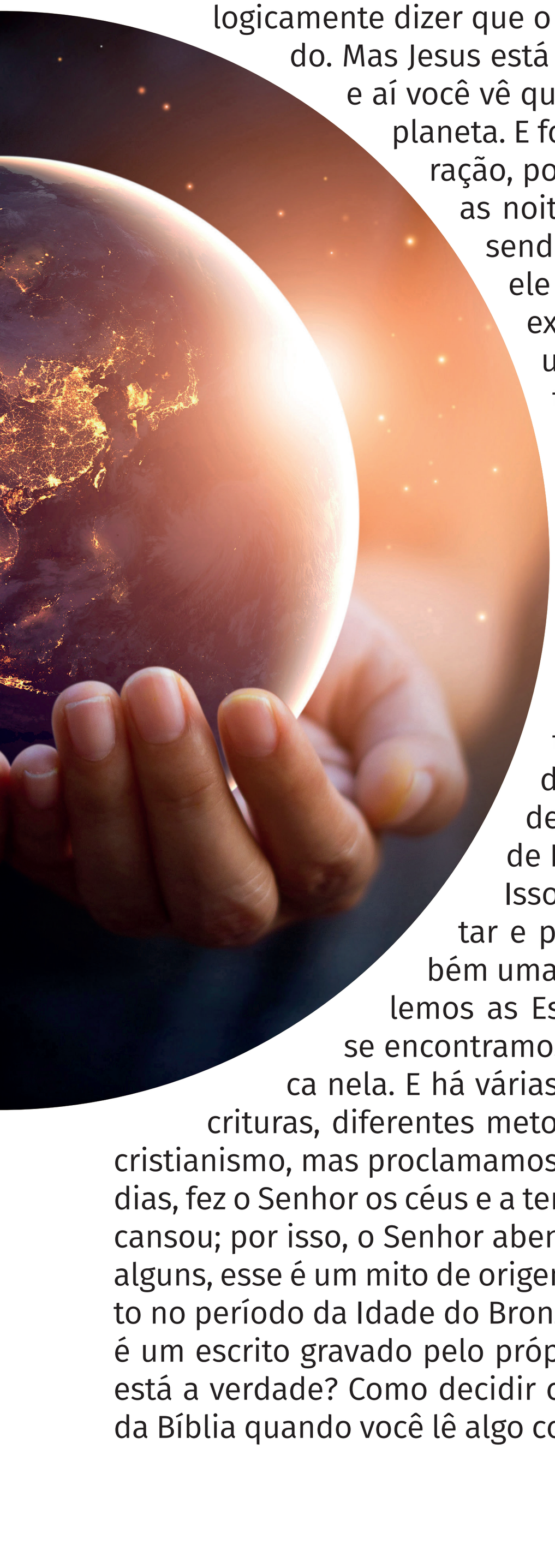
Deus está usando um mecanismo que precisa dela, precisa do sofrimento, precisa da extinção de diferentes espécies em grupos que lutam pela vida, inclusive entre si, em meio a recursos limitados, onde só os melhores conseguem e podem passar seus genes adiante, sofrendo inúmeras mutações, nunca atingindo um alvo, um estágio final. As coisas vão avançando por acaso, e essas mutações surgem conforme o tempo passa e em todo esse processo, várias formas de vida são perdidas. Por que Deus usaria esse método em particular? Especialmente ao considerarmos seu caráter de amor. Bem, há muitos pensamentos a esse respeito, e os teólogos tentaram criar um sistema para tentar explicar esse porquê. Então, em um sentido, algumas das explicações possíveis, modelos que são apresentados são: 1) modelo constitutivo - Deus teve que fazer desse jeito, era o único jeito possível. Se Ele quisesse criar um mundo complexo, com liberdade de escolha, um sistema que tivesse diversidade e variedade, esse mundo também teria extinção, transitoriedade, e essas coisas complexas tendem a se fragmentar. Então, se Ele quisesse ter coisas complexas, elas teriam que ser indefinidas; 2) modelo desenvolvimentista ou instrumentalista – há um propósito divino no sofrimento e no mal. Havia uma intenção divina em usá- los para nos conduzir de um nível mais baixo para um nível elevado de estado moral. Durante esse processo, o ser humano poderia entender o que é realmente o bem, e assim, escatologicamente falando, tudo ficaria bem no final. Assim, nessa jornada o ser humano poderia ser aproximar da revelação, da manifestação final de Deus. Segundo essa concepção, a criação foi boa, apesar do sofrimento, pois esse é o método divino para que o homem atinja um elevado estado moral.

Eu tenho um problema com esse método, porque, em certo sentido, ele apresenta o mal como um método de criação de Deus. Dá para acreditar nisso? Isso é também uma blasfêmia, pois tende a atribuir a Deus, algumas características das quais Ele tenta Se distanciar. Nas Escrituras, Deus chama nossa atenção para o problema do mal que há no mundo. Ele veio para resolver esse problema, para lutar contra ele. O mal está em desacordo com Sua vontade. Não é o Seu método.

Quando apresentamos a mensagem da criação em seis dias literais, estamos nos separando dessa visão de Deus como criador do mal. Outro elemento que abraçamos e proclamamos é a mensagem do sábado, do sábado como tempo de adoração. Não apenas o meio de adoração; o instrumento que

Usamos, que é o descanso no sétimo dia, mas o conteúdo, que tipo de Deus estamos adorando no sétimo dia. Nós estamos adorando o Deus Poderoso. O Deus com a mão poderosa que abriu o Mar Vermelho, que fez os céus e a terra. Ele é o Soberano

Deus. Esse é o Deus em quem descansamos e adoramos no sétimo dia. Veja, há também neste dia um interessante componente histórico que o conecta novamente à semana da criação. Toda a semana nós, podemos ver a linha que nos conecta àquela semana original da criação. Há algo mais que realmente impacta meu coração. Pense nas palavras de Jesus: “O sábado foi feito por causa do homem.” (Mc 2:27). É mais ou menos como a eterna questão de quem veio primeiro, o ovo ou a galinha. Você pode logicamente dizer que o homem foi criado no sexto dia, e então veio o sábado. Mas Jesus está dizendo que o sábado foi concebido para o homem e aí você vê que o conceito de um dia está conectado à rotação do planeta. E foi Deus que estabeleceu o tempo. O dia tem essa duração, porque a Terra gira numa velocidade específica. Então, as noites e dias já existiam antes do sábado. Tudo estava sendo preparado para ele. Quando viemos a este mundo, ele foi organizado de uma forma em que nós poderíamos experimentar algo como adorar no sábado. Isso nos dá um senso de importância na criação, mas ao mesmo tempo nos lembra de que somos pequenos, somos muito pequenos, de que não fomos nós que criamos este mundo. Então, há esse lindo equilíbrio no qual percebemos nosso papel, percebemos que fazemos parte de algo maior, mas também percebemos que não controlamos esse sistema, que já estava aqui quando chegamos. Sabe? Adão não testemunhou nenhum dos eventos da criação, nem viu a criação de Eva. Deus não quer que digamos “eu sou uma testemunha da criação”, a fim de que não nos enchamos de orgulho. Adão teve a mesma sina que temos hoje, de acreditar na criação do mundo e confiar na Palavra de Deus, porque ele não viu a criação.



Isso nos leva ao último ponto de hoje, que trata de aceitar e proclamar uma semana literal da criação. Essa também uma forma de demonstrar nosso entendimento de como lemos as Escrituras, de como receberemos a Palavra de Deus, se encontramos a verdade nela, se encontramos relevância histórica nela. E há várias maneiras pelas quais nos relacionamos com as Escrituras, diferentes metodologias, diferentes abordagens, dentro do próprio cristianismo, mas proclamamos o que está nos dez mandamentos: “porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou”. (Ëx 20:11). Para alguns, esse é um mito de origem elaborado posteriormente por uma tribo do deserto no período da Idade do Bronze. É uma tradição que se manteve. Para outros, esse é um escrito gravado pelo próprio Deus nas tábuas do testemunho. E então? Onde está a verdade? Como decidir como abordar as Escrituras? Qual é o valor histórico da Bíblia quando você lê algo como isso? Nós acreditamos que isso realmente acon-

teceu ou não? Eu vejo que entre essas duas abordagens há uma tensão. De um lado, se você ler focado no componente humano, haverá uma ênfase no ser humano não somente em entender como o texto foi gerado, porem se o texto é fruto da cultura, de um indivíduo, num grupo de indivíduos, em sua espiritualidade, será realmente uma jornada antropológica ler a Bíblia ao invés de buscar elementos originados no Espírito Santo. Será sempre uma forma de avaliar, de verificar se o que está escrito é cientificamente aceitável ou não. Elementos que não são cientificamente aceitáveis são considerados indignos de confiança ou valor histórico. Por outro, há o componente cuja intenção é buscar o fator divino, reconhecer as Escrituras como a Palavra de Deus, uma vez que Ele tomou a iniciativa de se revelar aos escritores bíblicos. Ao Se revelar a nós e mostrar o que veio fazer por nós, Deus não espera que guardemos para nós o que descobrimos.

Por fim, ao proclamarmos a mensagem da criação literal em seis dias, o que realmente proclamaremos é que nós temos um Deus que tinha um plano, um plano mestre específico, e que foi capaz de implementá-lo. Nós apresentamos a imagem de um Deus Poderoso que está interessado em relacionamento. Proclamaremos uma mensagem de cuidado e responsabilidade com as partes restante da criação e com as partes que as fizeram trabalhar juntas. Proclamaremos o Deus que criou as normas nas quais vivemos e manifestaremos a aliança com esse Deus quando descansamos aos sábados e proclamaremos um desejo de ouvir a Palavra de Deus e aceitar a revelação de Deus, em Sua genuína intenção de nos alcançar. Então, eu encorajo você e a mim mesmo, a continuar explorando a beleza dessa mensagem de uma semana literal da criação para que possamos ser parte desse alto clamor que convida toda nação, toda língua, toda tribo a adorar o Criador. Amém!

Este artigo foi transcrito por Flávio dos Santos Cardoso – FAAMA - UNB
Diagramação: Marcos Castro